LISBOA — QURTA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º—N.º 109—10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

NÃO é crivel que qualquer das propostas que compõem o plano financeiro do sr. Barros Queiroz seja discutida nesta época. O Parlamento tem que ocupar-se, e para isso não pode dormir, da questão do Douro, fixação do regime cerealifero, duodecimos e coeficientes para a cobrança da contribuição predial e industrial.

Só lá para Dezembro, portanto, haverá oportunidade para se abordar largamente a discussão da compressão de despesas e creação de novas receitas.

* * *

ANTIGAMENTE existia uma só direcção de Agricultura, que fazia parte do Ministerio das Obras Publicas.

Com a creação da pasta da Agricultura, as direcções passaram a oito, sem que a vida agricola do país acusasse progressos justificativos de tal intumescencia.

* * *

O INSTITUTO dos Seguros Sociais abrange dez direcções e duas inspecções. Parece um asilo de competencias...

* * *

COM a reforma do exercito ficaremos com quatro divisões e uma de artilharia com sede no Campo Entrincheirado.

* * *

O DEBATE parlamentar sobre a questão do Douro deve terminar hoje pela aprovação, com pequenas emendas, da proposta do sr. ministro da Agricultura.

* * *

ORDEM do dia para ámanhã na Camara dos Deputados: duodecimos. Os reconstituintes e alguns democraticos que não são primeiras figuras do partido, atacarão com rudeza.

Apesar disso, a proposta será aprovada por maioria. Os democraticos votá-la-hão com declaração de voto.

* * *

É POSITIVO que tem os seus dias contados o governo... que há de suceder ao actual governo.

* * *

APOZ a discussão dos duodecimos será apresentada pelos liberais uma proposta de encerramento das Camaras até ao mês de Outubro. Nessa altura, a oposição assestará as suas baterias contra o governo, baseando-se no critério de que se o extinto Parlamento foi dissolvido por falta de acção, por não ter aprovado os orçamentos e por não facilitar a vida administrativa dos governos, não se compreende que sejam suspensos os trabalhos poucos dias depois de iniciados. Os oposicionistas estão no proposito firme de abandonar a Camara durante a discussão.

Há, no entanto, quem afirme que na proxima segunda-feira o Parlamento reentrará no regime da falta de numero, visto que começam a acumular-se na mesa os pedidos de licença.

Sendo assim, os trabalhos ficarão suspensos sem necessidade de longos debates.

Os tais 50 milhões de "dollars"

O Seculo continua a dizer ao seu numeroso publico que o sr. ministro das Finanças não procede bem, deixando cair um silencio maior que o mar sobre o chamado emprestimo americano.

Como os seus leitores são muitos, é provavel que alguns deles julguem esta afirmação digna de ser acreditada. Há casos de crença no absurdo, em que as pessoas se julgam tanto mais sinceras quanto maior fôr a «bojarda» que lhes impingirem.

O Mundo que há dois dias publicou um artigo, dando a atitude do sr. ministro das Finanças, como criminosa, já mudou de opinião, visto que hoje, no seu «fundo», deita agua na fervura, aconselhando prudencia e correção, num assunto em que os melindres são tantos.

Terá *O Seculo* a coragem de o transcrever?

E' de crer que sim, pois a verdade tem direitos ainda maiores que toda a sua longa lista de assinantes.

O *Diario de Lisboa* que varias vezes, mas sem qualquer sombra de irritação, pediu ao sr. ministro das Finanças que, por uma simples palavrinha, nos explicou o misterio dos cincoenta milhões de «dollars», depois de devidamente informado das razões que o impediam de tal, calou-se, porque esse era o seu dever.

O Seculo, porém, teima em divulgar aos quatro ventos, perturbando os simples que imaginam que em Portugal os cambios se podem tocar como os gericos nas estradas, que a incuria governativa, o seu pouco zelo pela vida barata é que fazem que a operação financeira negociada pelo «Credit International», pelo dr. Afonso Costa e por um americano enormemente desconhecido no seu paiz não dê resultado util.

Parece-nos que esta maneira de brincar com o fogo, espalhando palavras rabiosas, pode ter consequencias que o proprio *Seculo* não prevê.

Porque não espera assim como nós que, durante as interpelações sobre a politica geral do governo, o sr. presidente do ministerio e ministro das Finanças faça declarações necessarias para tranquilisar todas as impaciencias?

Então *O Seculo* imagina que os outros não têm o mesmo cuidado pelo bem do paiz?

Modere as suas impaciencias *O Seculo!*

Tudo nos leva a crer que o sr. ministro das Finanças brevemente dirá na Camara que o contrato para abertura do credito de 50 milhões de «dollars» foi assinado em Paris, nos fins de Junho; que só pode ser utilisado no pagamento de mercadorias compradas aos grupos de vendedores, indicados pelo negociador da abertura do credito; e que continuam as negociações para o ajuste da compra dessa mercadorias, a ver o que dão.

O publico faça por compreender bem o significado destas declarações. Fie-se de preferencia na honradez do sr. ministro das Finanças.

Tenha muita conta com alguns audazes defensores do credito do paiz, melhoria cambial, vida barata, etc.

O patriotismo impõe sacrificios. Façamo-los, até que melhores dias cheguem, na certeza de que nada ganharemos com precipitações escusadas.

COBARDIA...

«Boi que se precipita num lago»

(Dum jornal.)

(Desenho de Jorge Barradas)

— Quem sabe se foi uma tentativa de suicidio como protesto contra as touradas e morte...

SABE-SE que ultimamente, em França, têm sido atacados a tiro muitos comboios de passageiros e que algumas quadrilhas chegam a saltar ás carruagens. As pessoas que viajam sentem-se dominadas por um «frisson» de pavor.

Há dias, no rápido Paris-Bruxelas, uma senhora que viajava num compartimento de primeira classe, em que seguia tambem um cavalheiro, levantou-se nervosa e, sem uma frase, sem uma exclamação, accionou o sinal de alarme.

O comboio estacou imediatamente. Acorreu o revisor, que preguntou de que se tratava.

Resposta da dama, muito palida, muito excitada:

— Repare para êste homem! — e indicou o companheiro de viagem.

O empregado reparou.

— Veja como é preto e como tem cara de poucos amigos! E' certamente um bandido! Preciso mudar de compartimento!

E só depois de satisfeito o desejo da apavorada passageira, o rápido pode prosseguir na marcha...

* * *

REFERINDO-SE á vinda do sr. dr. Eusebio Leão, escreveu um nosso querido colega: — «Chegou ontem, de facto, a Lisboa o nosso ministro em Roma». — Achamos que o ilustre diplomata, desde que chegou «de facto», deve assemelhar-se bastante á mumia de Ramsés III. Caso porêm, haja chegado simplesmente em carne e osso, é muito compreensivel que a estas horas esteja estudando a história da sua existencia nos jornais que dêle se vêm ocupando.

* * *

RAINHAS de todas as modas, as mulheres estão lançando a moda de se libertarem ou vingarem dos amantes por meios violentos.

Na França apaixona presentemente a opinião o caso de Madame Capus.

Portugal, que se preza de caminhar na vanguarda de todas as novidades, ofereceu-nos nestes ultimos dias dois casos do mesmo genero.

Em Messejana, uma virago despejou sobre o rosto do companheiro o petroleo inflamado contido num candieiro; em Alpiarça, outra mulher, de instintos ferózes, mimozeou o amante com cinco tiros de pistola.

Tais demonstrações de ternura exaltada obrigam-nos a pensar que o celibato é o mais tranquilo de todos os estados e que quase vale a pena fazer voto de castidade.

* * *

AINDA não está designado o substituto do sr. dr. Antonio Granjo, que não será, como alguns jornais disseram, o sr. dr. Fernandes Costa.

De resto, o governo só tratará da substituição quando a sua situação estiver bem definida.

* * *

ANTES de publicar o livro de Italia, todo inédito, de Norberto de Araujo, a casa Aillaud dará ao publico um livro dêste nosso camarada intitulado «Na varanda dos meus amores», e que já entrou no prelo.

UM "POST-SCRIPTUM" A UMA CARTA ABERTA

AO MINISTRO DA INSTRUÇÃO

NO TERREIRO DO PAÇO-LISBOA

A organização da Escola de Belas Artes e a boa vontade do sr. dr. Ginestal Machado — Cadeiras que faltam e cadeiras que sobejam — Estetica, filosofia, literatura de arte, decoração, arquitectura de interiores e de moveis, teoria de arquitectura, aula de "croquis", movimento e expressão — Scenografia e perspectiva teatral—Aula de paisagem no campo

Há meia duzia de dias, neste mesmo lugar, no meio da complicada existencia de todos nós, escrevi uma carta ao ministro da instrução—carta cheia de boa vontade, escrita sem outras pretensões que as de dizer o que sentia, sem outra qualidade que não fosse uma transparente e honesta sinceridade.

A ti, leitor, que ao café, saboreaste, no á vontade das mangas da camisa, aquela prolixa e fatigante dissertação, te peço desculpa. Tu que és bom pai de familia, honesto empregado de escritorio, ou simplesmente elegante marquês de Barrabás, (como te chamou essa estranha e encantadora Clarinha), tu, que d'arte te ficas no que os outros dizem e que só me leste depois de teres lido o ultimo telegrama banal do estrangeiro, tu meu bom leitor, desculpa-me hoje, e penetra comigo, nos misterios de mais esta missiva que te vou ler; dá-me dahi o braço e vem, Chiado abaixo, falar ao ministro, a esse ministro que nem por ser ministro deixa de ser culto, que nem por ser republicano deixa de ser aristocratico, que nem por ser politico deixa de ser amavel, e que usa andar escanhoado como *gentleman* da *city*, e distinto de maneiras como um fidalgo pobre...

Meu caro sr. ministro da instrução:—Venho escrever-lhe hoje, serenamente. Está muito calor. O sr. ministro já deve ter concluido que o calor tem sobre as teorias d'arte uma importancia fundamental. Eu proprio fiz-lho notar na ultima carta. Quero crer que muito da sua boa vontade pelas belas artes se deve á não menos bela temperatura dos corredores fradescos de S. Francisco...

Mas, se v. dá licença, fiquemos sós os dois, e conversemos, á vontade, como bons amigos, como excelentes colegas. Se autorisa «tont á l'americaine», tiro mesmo o casaco...

—Leu a minha carta?

—Leu sim...

—Sorriu-se?

—Sorriu, com certeza...

O sr. ministro é uma pessoa amavel, instalada na vida com uma felicidade relativa e que não usa o ar azedo de quem sofre com permanencia duma doença do estomago...

O sr. ministro sabe alem disso que eu o considero, que sei que o que escreve é bem escrito, e que ainda há dias li algumas paginas suas sobre Alexandre Herculano, e que só um belo espirito pode traçar...

O sr. ministro sabe finalmente que o respeito como sincero e honesto democrata, estruturalmente republicano pelo coração e pela inteligencia, democrata dos tempos claros da propaganda, em que salva de palmas era o melhor premio, e ao sol dos comicios, admiraveis, puras, entusiasmadas, de aldeia em aldeia tantas vozes se estrangularam nas gargantas, secas de poeira, prégando, levantando, construindo, apostolando...

E' por isso que podemos falar á vontade—sr. ministro.

* * *

...posito da sua carta atacaram-me ...migos, e os seus inimigos. Os ...porque lhe reconheci valor. ...orque lhe neguei crite-

«Za... can... nas... ...e critico de arte ...antipatico anoni- ...i aquele por consideração pessoal e não respondi a este por que não tenho relações civicas com as letras do alfabeto.

O sr. M. N. (que podia muito bem ser N. N.) afirmava coisas menos verdadeiras e fazia uma confusão diabolica; as suas *iniciais* só provam que não é um *iniciado* e que a prova da minha carta *aberta* só para ele foi *cerrada*...

Deixemo-lo pois em paz.

Vamos ao que importa:

Se v. pretende reformar a E. de B. Artes tem que estudar a sua organização e ver o que lhe falta.

Se compulsar o seu programa verá:

1.º Falta ali uma cadeira de Estetica geral e de literatura de arte, que se deveria dar no ultimo ano das especialidades e que seria o complemento intelectual indispensavel a todo o artista culto. A cadeira de filiosofia de arte, tambem indispensavel, ou podia ser regida simultaneamente com a Historia (formula Ruskin) ou constituir estudo á parte.

2.º O estudo da «Decoração», arquitectonica e pictural, deveria ser desenvolvimento ou como especialidade, ou como anexo das especialidades, acabando com a cadeira de composição no 3.º ano do curso geral que nada adianta. Nesta cadeira o criterio dos grandes decoradores modernos deve ser conhecido, e seguido, tendo em vista sempre as fontes de inspirações logicas, que são as filiadas etnicamente.

3.º Impõem-se a criação da cadeira de arquitetura de interior e de mobiliario, que não é de forma alguma uma arte secundaria ou aplicada, mas sim uma modalidade de Belas Artes, que constituia uma ampliação da arquitectura civil.

4.º A cadeira de teoria de arquitetura, cuja falta todo o aluno consciente sentiu ao passar pela escola é de certo reconhecida pelos proprios professores.

5.º A aguarela como expressão picturial propria e como auxiliar da arquitectura, e da scenografia torna-se uma necessidade imediata.

5.º A aula de «croquis» de movimento e de expressão é dentro da cadeira do desenho do nu, capital. A sua função é tão importante que os pensionados de Paris, uma vez libertos da Escola de Lisboa, querem só mandar de França desses «croquis» onde tanto aprendem, e onde tanto ensinam.

7.º A scenografia e a prespectiva teatral deviam-se ensinar na Escola de Belas Artes. Se se reconhecesse mesmo a não competencia dos nossos senografos, o que não é um facto, (recortemos as senas dos bailados de S. Carlos) proporia que se trouxesse algum bom artista (mesmo um artista moderno e consciente) fosse donde fosse, ainda que provisoriamente. A perspectiva aplicada ao teatro—cujos conhecimentos são indispensaveis, seria uma segunda parte da cadeira de prespectiva geral, que faria comum a todas as especialidades da Escola.

8.º As aulas de paizagem deveriam logicamente, ser no campo. Nem se compreende que elas se dêm entre quatro paredes. As sociedades inglesas de arte tem as suas quintas no campo. Na Bretanha os estudantes franceses pintam os seus eternos motivos e em Espanha, pelos jardins do Alcazar de Sevilha vi espalhados dezenas de alunos da Escola de Belas Artes e até da Academia de S. Fernando.

Aqui, em Lisboa, sabe o sr. ministro onde esbarram os horisontes dos paisagistas-oficiais? Nos quatro muros do pateo da Escola, onde anualmente se copia um cavalo de carroça, tambem muito oficial, e que por muito magro que seja tem sempre premio.

* * *

Ora o sr. ministro está daqui a ver a minha «má vontade» á Escola, o meu «feitio dissolvente»...

Está a ver que eu não tenho razão nenhuma...

Está a ver que eu, falando-lhe na sociedade de B. A., não deixo de reconhecer á Escola o seu papel a cumprir, e está a ver tambem que simplesmente entendo que é tempo de dispondo dum ministro consciente, não deixar passar a ocasião, e levantar, até ondt fôr possivel, esse pensamento, que para mim é fundamental, para muitos secundario, e para quasi todos nulo, que é o pensamento sagrado da Arte.

* * *

V. Ex.ª sr. ministro, que tantas vezes tem sentido o povo, esse bom povo, generoso e humilde, que o glorificou a si, não acha que é tempo, tempo de sobra, de criar para esse mesmo povo, ou antes de criar desse povo uma arte moça e forte e generosa e grande, que lhe divinise as qualidades, que lhe vibre a alma, que o obrigue a respirar a plenos pulmões o orgulhoso de si mesmo?

* * *

E' já tarde, sr. ministro. Estamos sós há imenso tempo. Por detraz desse reposteiro vermelho esperam impacientes muitos amigos seus—é justo que os receba, que os tranquilise, que lhes sorria afavel. Quero portanto deixar-lhe no semblante um grande ar iluminado e alegre. Esses bonecos que ahi ficam são uma sintese da arte portuguesa contemporanea, cá na pintura dos que chegam fresquinhos da Escola.

V. Ex.ª em Santarem escusa de se incomodar a ir aos «salons» oficiais de arte. Basta passar pelos olhos, em Maio, todos os anos as linhas que se seguem.

Eles são um guia do visitante mental dos nossos certamens.

Todos os quadros se dividem em 5 tipos fundamentais, a saber:

Tipo n.º 1—«Descanço do modelo». (E' um quadro grande, representando uma mulher a dias, ao pé dum fogão de gaz, com um pano caido, em pregas).

Se o quadro se vende o autor tem o dever de fazer mais dois grandes quadros sob os titulos: «Carta de longe» e «Pensativa».

Tipo n.º 2—o «Moinho do tio Jeronimo» —pequena paisagem muito vendavel e de seguro efeito. Se tivesse mulher e burro, é porque o autor tem unhas.

Tipo n.º 3—«O meu modelo». (Do autor e de todos, a 15 tostões por sessão) muito recomendavel para presentes. Estes quadros costumam ser adquiridos pela sr.ª D. N. P. G. (travesti do autor).

Tipo n.º 4—Retrato do sr. comendador J. P. C. M B. (500 escudos sem moldura, um ar de familia).

Tipo n.º 5 e muito generalisado—«Natureza morta-cebolas» ou «Um canto da cosinha», (muito proprio para amadores e de agrado certo).

* * *

E não lhe levo nada, sr. ministro, por este sensacional «beadeker» artistico,

o seu antigo admirador

Leitão de Barros

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-BRASILEIRA

"SAGRES"

Autorizada por portaria n.º 892, do Governo Português

Capital emitido Esc. 2.000.000 — Capital realizado Esc. 700.000

SEDE SOCIAL: Rua Aurea, 191 — LISBOA — Telef. Exped. C.2.961, Direcção C-2.657 — Teleg. SEGURAGRES

Representantes no Brasil: Soto Mayor & C.ª — Filial no Rio de Janeiro: R. 1.º de Março, 61-1.º

Banqueiros: *Pinto & Sotto Mayor*

Seguros terrestres e maritimos, seguros de guerra, seguros agricolas, seguros postais

Delegado no Porto: Pinto & Sotto Mayor — Agentes em todo o país — Agente Geral em Espanha: CARLOS SANCHEZ CUTILLAS, Alcalá, 4—MADRID

Chegwin, Moura & C.ª L.da

CASA BANCARIA

103, Rua Aurea, 105

	Ordem	3 meses	6 meses	12 meses
DEPOSITOS	4 1/2 0/0	5 0/0	6 0/0	7 0/0

Correspondentes em todo o país e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa, transferencias e todas as operações de banco em geral

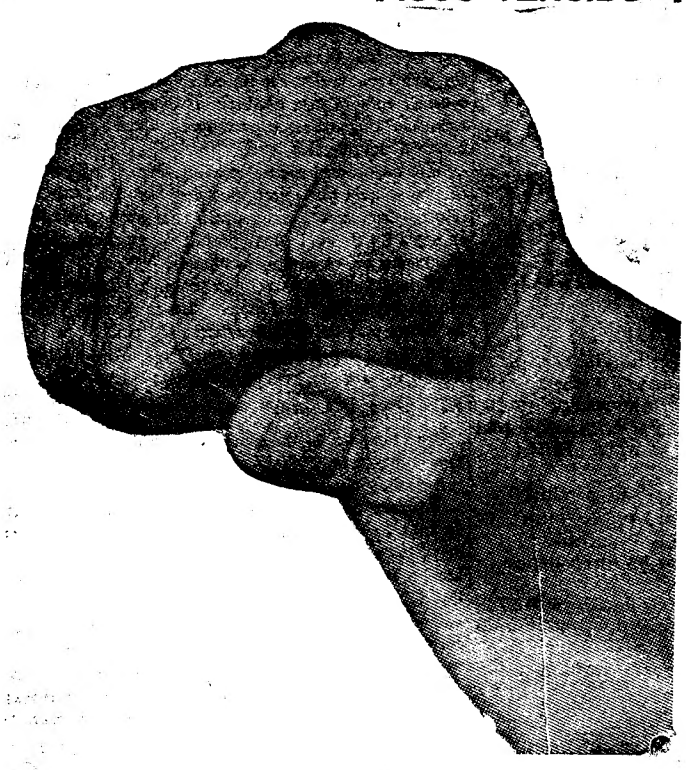
Telegramas «TOM» — Telefone Central 3033

103, RUA AUREA, 105

UM "MATCH" SENSACIONAL

DEMPSEY CONTRA CARPENTIER

GRAÇAS Á MARAVILHOSA INVENÇÃO DO CINEMA, TODA A GENTE PODE ASSISTIR AO CELEBRE COMBATE DE JERSEY-CITY—UM DRAMA COMOVENTE EM QUE GEORGES CARPENTIER FICOU VENCIDO, TENDO DESEMPENHADO UM PAPEL SIMPATICO

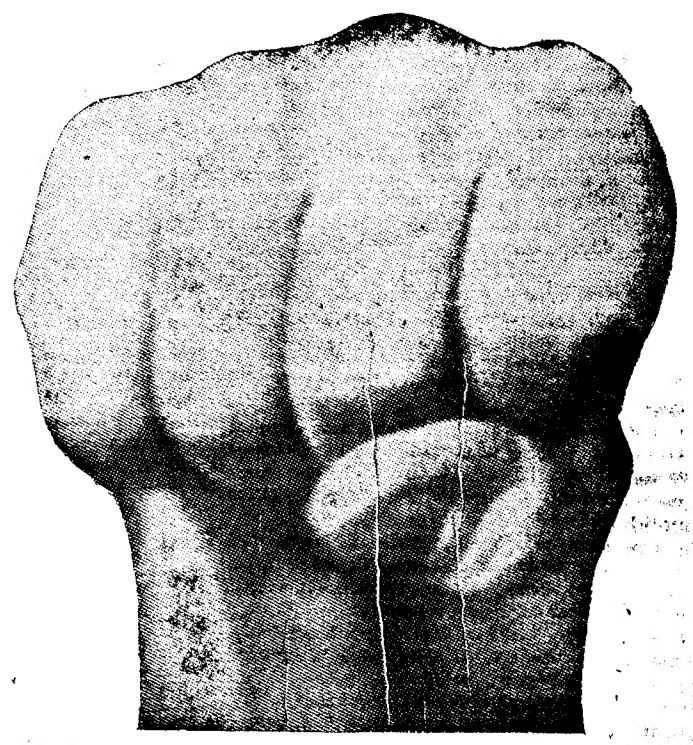


O punho de Carpentier

De maior precisão, embora não tenham tanta violencia, os golpes do campeão francês não fizeram a Dempsey uma unica beliscadura. Os seus admiradores continúam a afirmar que o jogo de Carpentier é mais scientifico. Viu-se, no entanto, no combate de Jersey-City, que nem só a sciencia leva um *boxeur* aos pincaros da gloria. A força não se pode dispensar; e basta dedicar dois minutos de atenção a comparar os punhos de Dempsey e de Carpentier, para se ver a situação de inferioridade do segundo. Minhas senhoras: Carpentier tem sempre um sorriso amavel. E' um belo rapaz—esse Carpentier...

O punho de Dempsey

Já não é segredo para ninguem que o golpe formidavel de Dempsey é mais forte que o de Carpentier. Os entendidos do *box* chamam-lhe «feroz». Para atestar a sua força extraordinaria, temos as palavras dos seus *entraineurs* — que se queixam dos murros vigorosos que o campeão do mundo lhes assentou, sem piedade, durante a sua preparação. Mas nem é preciso citar essas palavras, senhores; basta apontar a derrota de Carpentier. Jack Dempsey ligou-se ha dias, pelo casamento, a uma linda americana—capaz de domesticar a ferocidade dos punhos de seu marido. Não ha como as mulheres para domar feras...



O COMBATE NO CINEMA

Vai passar em França, no *écran*, o *film* sensacional do *match* Dempsey-Carpentier. Milhares de pessoas, talvez milhões, que não puderam assistir, em carne e osso, ao celebre combate, vão seguir, passo a passo, minuto a minuto, *round a round*, o decorrer da luta de Jersey-City. Os jornalistas parisienses que assistiram á passagem do *film* dão-nos as suas impressões, que o «Diario de Lisboa» se apressa a transmitir aos seus leitores. E' curioso notar que, embora todos conhecessem já o desfecho do drama, nem por isso êle deixou de interessar vivamente os espectadores, dando-lhes a mesma febre, a mesma emoção, o mesmo entusiasmo do verdadeiro combate. Todos os corações se comprimiram quando os dois adversarios apareceram sobre o *ring*: Dempsey, pesado, alto, largo de ombros e com um ar muito sério; Carpentier, elegante, harmonioso, com o seu fino sorriso á francesa. A tragédia começou. O seu interêsse sobe de ponto desde o instante em que começa o primeiro *round*. Vai falar um simples espectador e não um critico sportivo. Basta saber escrever para dar um resumo tecnico do *match*.

Primeiro round. — Começa por uma série de *clinches*, no decurso dos quais Carpentier assentou um *crochet* vigoroso com a mão esquerda no maxilar do adversario. (A fita vai passando no *écran*). Durante outro *clinch*, o francês tocou ainda Dempsey duas vezes na cabeça. Separam-se. Carpentier recomeça com um belo directo ao queixo seguido de um *jab*. Dempsey replica com um golpe vigoroso á cabeça do adversario. Recomeçam os *clinches*. Dempsey aplica primeiro um direito e um esquerdo seguido de outro direito mais forte, que feriu o nariz de Carpentier, deixando-o bastante abalado. Entretanto, o campeão de França ripostava com um directo que atingiu o ôlho esquerdo de Dempsey. Novo *clinch*, durante o qual falhou a Carpentier um *crochet* — estatelando-se contra as cordas do *ring*. Volta rapidamente a lutar e atinge o campeão do mundo com um directo em plena cara, forçando-o a tomar a defensiva até ao toque da campainha que anunciou o final do *round*, ou seja o final da primeira parte. Esta primeira fase do jôgo parece terminar com vantagem para Dempsey, porque durante o descanso nota-se que Carpentier tem equimoses no peito e acima do diafragma.

George Carpentie

Segundo round. — Depois de algumas tentativas, Carpentier aplica um magnifico directo no rosto do campeão americano, que procurou a sua salvação num *clinch*. Dois golpes seguidos de Carpentier abalaram tão visivelmente Dempsey, que — momento supremo! — todos os olhos se voltaram para o americano, adivinhando a proxima vitória de Carpentier. O *film* continua a passar e Dempsey retoma bem depressa a ofensiva, tocando muitas vezes o adversario e fazendo-lhe um ferimento com um directo. Este *round* terminou com vantagem para Carpentier. Dempsey, entretanto — apesar da emoção porque tinha feito passar os seus partidarios — parecia muito senhor de si, e tendo-se transformado a sua tática toda de prudencia num jôgo muito mais aberto, parece que tinha dado conta do poder exacto dos golpes do seu adversario, estando prestes a correr maior perigo e a obedecer assim ao seu temperamento.

Jack Dempsey

Terceiro round. — No começo do terceiro *round*, Carpentier parecia fatigado, e, tendo perdido o sentido habitual da distancia, falha alguns ataques directos. Emquanto retomava o campo, Dempsey aplicou-lhe um terrivel *upper-cut*, seguido doutro golpe direito á cabeça. Carpentier responde com um directo aplicado a fundo, seguido de dois *upper-cuts*, um direito e outro esquerdo. Segue-se um *clinch* com vantagem para Dempsey, que lhe aplica uma série de *jabs* com fôrça. O terceiro *round* foi claramente vantajoso para Dempsey. Efectivamente, Carpentier perdeu muitos golpes e aqueles que chegavam a ser aplicados pareciam não fazer mossa ao americano, que se punha a rir muitas vezes quando recebia um golpe.

Quarto round. — A fita continua. O interêsse dos espectadores atinge o seu maximo. Quando começa o quarto *round*, a cara do campeão francês é uma lástima; o sangue corre do lábio inferior e o ôlho esquerdo está semi-cerrado. Obedecendo ao conselho do seu *manager*, Dempsey ataca de entrada a fundo, sem procurar cobrir-se e aplicando furiosos golpes ao tronco, seguidos de dois *upper-cuts*, um direito e outro esquerdo. Carpentier vai a terra algumas vezes. Não se deve aguentar por muito tempo. Efectivamente, um minuto e dezaseis segundos depois de começar o *round*, um *doblé* ao estomago lança-o por terra, tentando ainda levantar-se, mas sem nenhum resultado. O juiz de campo conta os dez segundos e depois: «out!»

A três passos de distancia, sempre em guarda, a mão direita em posição, Dempsey espera, pronto a abater o seu adversario, se ainda tentar levantar-se Terminou a fita; acendeu-se a luz.

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

DAMIÃO & C.TA ***57, Rua Garrett, 59*** ▣ ▣ ▣
E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Na missa e deante do espelho

Tinham casado por amor. Era ela uma pequena com dois anos de cativeiro em casa das tias viscondessas depois de cinco de liberdade no convento de Cluny, aquele convento muito branco por fóra e todo forrado por dentro de azulejos, nos quais havia mesuras, um coche, um repuxo, um pano num pinto e um amor de dois namorados á beira do lago, um amor muito do seculo XVIII que era a tentação das colegiais, e que ela tinha sempre deante dos olhos, numa saudade. Se o amor fosse isso!

E o certo é que seu marido a atraiçoava. Tinha uma amante—soube-o na missa—, e por tal sina uma amante fidalga, loira, infernalmente bonita, e pobre... Ah! Pobre! Não poder ela ser pobre e ter o seu marido sempre só seu! Que felicidade não ter um palacio, nem «toilettes», nem conhecer mundo, e viver apenas, como as andorinhas num beiral de uma casa branca, vendo passar os automoveis ao longe na fita da estrada, sem terem eles sequer uma «mylord», um criado, um cão... Ah! O seu marido tinha uma amante! «Covarde!».

E deante do espelho oval enorme, suspenso de duas colunas de bronze, de relevos dignos de Celini, que pareciam dois valets *de gala fazendo respeito á arquiduquesa que descia o portal de cristal e aço para o primeiro patim de seda rosa velho do tapete —Maria Ana revia-se, de olhos humidos, nas suas espaduas academicas, esculturais, milagrosas, na sua cabeleira caida capaz de enxugar todas as paixões dos oceanos de amor, na sua curva de braço e ancas correctissima, um pouco mais delicada que a de Medicis, menos sensual que a de Farnese, e tudo isso, espaduas, cola, braço e ancas vestido de uma brancura celestial, inverosimil para olhos profanos, e que uma voz intima lhe dizia que outra mulher não podia ter, senão, senão no corpo sonhado daquela figurinha do seculo XVIII das paredes do convento... se fosse possivel despir os azulejos. «Ele troca-me, e ele despreza-me...».*

Ante a impassibilidade respeitosa dos valets *do grande espelho Luis XIV Maria Ana começou a chorar.*

Mas, misto... Era ele. Andava no corredor. Só podia ser ele. Conhecia-lhe os passos. E vinha feliz. Cantarolava. Enfiou uma tunica côr do ceu, compoz com dois ganchos de perolas o cabelo em sedas negra e abriu a porta: «Carlos! oh Carlos!». Ele entrou: «Estás linda!». Ela tremia, sem coragem de começar. Sorriu mesmo imperceptivelmente. Ele disse: «Queres saber, Maria Ana? Hoje, á saida da missa, deram-me uma noticia a teu respeito que me pareceu adoravel... Disseram-me que tinhas um amante... Vê lá, amor. Tu, um amante!» E cingindo aquela cabecita maravilhosa no seu braço herculeo de Vinicino, beijou-lhe os olhos, enternecidamente: «Se te dissessem que eu te trocava, Maria Ana, tu acreditavas?» E ela, deixando correr agora as suas lagrimas de Maria Madalena da virtude, murmurou ante o pasmo respeitoso, perfilado, everente das colunas de bronze do grande espelho oval: «Nunca! Nunca! «Eu não acreditaria nunca!...»

Norberto de Araujo

Alem-mar

O governador de S. Tomé vai fazer a compressão de despezas

O governador de S. Tomé determinou que fosse reduzido ao minimo o numero de funcionarios e empregados dos diferentes quadros e serviços, para que as finanças da colonia possam suportar, sem pesado encargo, as respectivas despesas.

Os contractos dos serviçais

O mesmo governador regulamentou o serviço diario de contractos e recontractos a serviçais, sendo o numero maximo de 30 serviçais para cada roça.

Concurso para um lugar de professor em Courenço Marques

Foi aberto concurso por 70 dias para o lugar de professor da Escola Central Paiva Manso, de Lourenço Marques.

Uma nomeação

Foi colocado como terceiro oficial na Auditoria da Fazenda de Angola o sr. Francisco Fontes.

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

DO SENTIMENTO E DA EMOÇÃO

A POESIA BRASILEIRA E OS SEUS CULTORES

Casimiro de Abreu, que os velhos recordam, e Olavo Bilac, que os novos lêem — Vicente de Carvalho, o poeta dos "Poemas e canções"—Dois sonetos modelares

Em Portugal, toda a gente que lê, conhece e aprecia os poetas brasileiros. Decoramos e recitamos êsses poetas, que nos cativam e escrevem numa lingua que é a nossa, mas com uma exuberancia de sentimento, uma riqueza de forma, uma intensidade de côr, que revelam outro paiz, outra luz, outra natureza mais inebriante e perfumada.

Vamos seguindo e acompanhando a literatura brasileira, com agrado e com curiosidade. Os velhos recordam Casimiro de Abreu, os novos lêem Olavo Bilac e muitos outros, mais ou menos recentes, que nos encantam pela doçura ardente da sua inspiração.

Estranho, por isso, não ouvir citar mais vezes o nome e os versos do dr. Vicente de Carvalho.

Não conheço pessoalmente o poeta. Li, apenas, vagamente, que é juiz em S. Paulo e que já tem passado por Lisboa. Mas os versos que li, que reli, que sei de cór, deixaram me a impressão profunda, indefinivel, persistente, das coisas inolvidaveis. Há tudo nesses versos: o sentimento, a beleza, a palavra musical e delicada, que, sem vulgaridades, tem a singeleza facil que não se rebusca e essa contemplação melancolica da vida, de que nasce toda a poesia. Refletem não sei que sofredora amargura, que desiludida tristeza apaixonada e suave e uma branda ironia, filosofica mas enternecida.

Em Vicente de Carvalho, o coração *pensa* e o pensamento *sente*. A emoção e a ideia fundem-se e trabalham reunidas, numa comunhão admiravel, talvez inconsciente ou, pelo menos, involuntaria. E' a forma de intelectualidade que me parece mais elevada, mas tambem decerto a mais dolorosa. Quem puder libertar o pensamento e o sentimento, separando-os, ou quem, espontaneamente, pense sem sentir e sinta sem pensar, furta-se ao grande tormento daqueles que procuram analizar e definir tudo o que sentem e deixam ao mesmo tempo o coração estremecer repercutindo a ideia, numa ansiedade indizivel e sem repouso. Estes são os que sofrem por vocação, os que têm as condições necessarias para requintar o sofrimento meditando-o, prolongando-o e variando-o infinitamente. São os eternos insaciados, muito humanos para se consolarem com a crença duma outra vida, muito exigentes para que esta vida lhes baste, tendo a consciencia da triste imperfeição de tudo, até dos sentimentos que em nós mesmos quereriamos mais perfeitos.

Vicente de Carvalho escreveu dois sonetos modelares, maravilhosos, publicados no seu livro «Poemas e Canções». Um dêles define bem a esperança enganadora, ansiosa, que nos anima, que nos segue e que nos ilude sempre. Ei-lo:

Só a leve esperança em toda a vida
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existencia resumida
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
E' uma hora feliz sempre adiada,
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Arvore milagrosa que sonhamos,
Toda arreada de dourados pomos,

Existe sim: mas nós não na alcançamos
Por que está sempre apenas onde a pomos,
E nunca a pomos onde nós estamos.

O outro denuncia a fraqueza do coração que se vê humano, covarde, malfasejo, mesmo no amor que parece revelar lhe a divina ternura do maximo bem-querer:

Alma serena e casta, que eu persigo
Com o meu sonho de amor e de pecado,
Abençoado seja, abençoado
O rigor que te salva e é meu castigo.

Assim desvies sempre do meu lado
Os teus olhos, nem ouças o que eu digo;
E' assim possa morrer, morrer comigo
Este amor criminoso e condemnado.

Sê sempre pura! Eu com denodo engeito
Uma ventura obtida com teu damno,
Bem meu que de teus males fosse feito!

Assim penso, assim quero, assim me engano,
Como se não sentisse que em meu peito
Pulsa, covarde, um coração humano.

Por êstes dois sonetos se avalia o poeta, na expressão harmoniosa do seu nostalgico sentir, do seu triste meditar, do seu enamorado desencanto.

Eu creio que os poetas nos interessam principalmente pela intensa curiosidade que nós temos do coração alheio.

...Curiosidade semelhante á dos doentes que se interrogam mutuamente sobre os seus males?

...Curiosidade que revela o instinto cruel que quere *ver* como se sente e como se sofre?...

Maria de Carvalho

O TRATADO DE COMERCIO ENTRE A FRANÇA E PORTUGAL

O sr. João Chagas volta brevemente a Lisboa?

Parece que as negociações do tratado de comercio entre a França e Portugal não têm caminhado com a desejada rapidez. Ao que consta, o govêrno francês ainda não tomou conhecimento da contra proposta do govêrno português, pois o nosso ministro em Paris tem hesitado em apresentá-la. Por tal motivo, diz-se que o sr. João Chagas virá brevemente a Lisboa conferenciar com o sr. ministro dos estrangeiros.

MA-LINGUA

Leitão de Barros

Leitão de Barros, Birras, Borras, Burros
lhe tem chamado esse feroz povinho
que tudo gosta de tornar mesquinho
propalando alaridos e sussurros.

Não se importe; não passam de casmurros
que com um pé se arredam do caminho.
Você é um amor de um bacorinho:
despreze os ditos e desdenhe os zurros.

Mas... deixe as letras, palido mancebo!
Eu, num aguarelista, não percebo
essa tendencia! Pinte aldeias, adros...

Olhe que era uma coisa dolorosa
que resultasse aguada a sua prosa
e ficassem prosaicos os seus quadros

TAÇO

OS TEATROS

A "reprise" da revista "De capote lenço," no S. Luís

O sucesso inegavel alcançado no S. Luís pel chistosa revista «De capote e lenço» veio provar que o calor, embora faça diminuir a frequencia dos teatros, não afugenta os espectadores quando o espectaculo é agradavel e leve.

«De capote e lenço», modificada, actualizada e desempenhada por interpretes que sabem tirar partido da sua graça, compensará com prodigalidade a empresa do S. Luís dos prejuizos sofridos com a montagem de «A mulher artificial».

Merecem elogio os actores Joaquim Costa, Antonio Gomes e Aurelio Ribeiro. Laura Costa, Jalzisa de Sousa e Zulmira Bettencourt contribuem muitissimo com a sua frescura e os seus dotes artisticos para o exito que a revista ressuscitada está obte

Entre nós

Na temporada da companhia Lucilia Simões, no teatro Politeama, será aberta uma assinatura para sete recitas que devem ser assim preenchidas:

1.ª para reaparição de Lucinda Simões, *A Raça*, de Liñares Rivas; 2.ª, para estreia da actriz Brumilde Judica, *Sol da Aldeia;* 3.ª, para reaparição de Lucilia Simões, *Emigrantes*, original de Tito Arantes; 4.ª, *Mister W. O.;* 5.ª, para a epoca de carnaval, *Não te melindres Beatriz;* 6.ª, *A mulher do Barba Azul;* 7.ª, *A Garra*, de Liñares Rivas. Entre as peças do seu antigo repertorio, Lucilia reviverá *A Rajada*, destinada á sua festa artistica. Em recita dedicada a Lucinda Simões representar-se-ha a peca *Idilio dos velhos.*

—O actor Nascimento Fernandes restituiu já ao empresario Augusto Gomes, do teatro Apolo, a importancia de 4.200$ e não de 5.000$, como se disse, que recebera a titulo de indemnização por não se ter efectuado a «tournée» ao Brasil para que fora contratado pelo mesmo empresario.

—O guarda-roupa para a revista «Pau de dois bicos», com que será inaugurada a epoca de inververno no Eden-Teatro, já está sendo confecionado pela Empresa de Materiais de Teatro, sob a direcção de Barbosa Junior. Essa empresa dará o maior luxo a esse trabalho, que obedecerá a figurinos executados por um artista estrangeiro.

Reclamos

NACIONAL—Em ultima recita da moda, ainda hoje se representa a peça «A vida de um rapaz pobre». Sabado, em recita de Rafael Marques, vai á scena o «Rogerio Laroque».

S. LUÍS—Enche-se todas as noites, conservando o publico em constante gargalhada, o teatro São Luís, com a celebre revista «De capote e lenço».

POLITEAMA—«A rainha do fonografo» é das mais lindas e graciosas operetas que se tem representado em Lisboa. Pode dizer-se que é tambem das que possue melhor musica.

GINASIO—Enchentes colossais continua tendo-as o Ginasio todas as noites, com a famosa peça o «Celebre Pina», que tem conseguido celebrisar-se.

AVENIDA—Os dias e as noites estão sendo aproveitados para a realização dos ultimos ensaios da peça nova «Guardado está o bocado...» Na sua interpretação tem Palmira Bastos um papel brilhante. A «premiére» é sexta feira, em festa artistica de Samwel Diniz, coincidindo com a 5.ª e ultima recita de assinatura da temporada actual.

EDEN—Um novo numero, a juntar aos muitos que já tem, veiu enriquecer a magnifica revista «Pé de dança». Repete-se hoje.

SALÃO FOZ—No novo quadro da «reverie» «Trólaró», que tão extraordinario exito está obtendo, são todas as noites bisados numeros de sucesso.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—A's 21,15—«A vida dum rapaz pobre».
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«A' procura do badalo».
AVENIDA—Não há espectaculo.
POLITEAMA—A's 21,30—«A rainha do fonografo».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

Cruzada Nacional D. Nuno Alvares Pereira

Nos proximo dias 13, 14 e 15 realiza a Cruzada Nacional D. Nuno Alvares Pereira na sua séde, a Festa da Patria. A sessão de glorificação do Santo Condestavel é no dia 14.

Agradecemos penhorados áquela patriotica instituição os convites que nos foram enviados bem como dez senhas para o bodo, que vamos distribuir pelos nossos pobres.

A CIDADE

MAGAZINE

O casamento da Bertini

Francesca Bertini, a divina trágica do silencio, a Sarah Bernhardt do *écran*, abandonou definitivamente a sua arte, para se entregar a outra arte não menos complexa, com um milionario suisso — a arte de ser casada. O publico adorou a Bertini, adorou a sua linha aristocratica, os seus grandes olhos sonhadores, o gesto

Francesca Bertini

inimitavel das suas mãos de fada — porque nunca ouviu a sua voz. Era o idolo silencioso.

A Bertini casou em Napoles, com muita simplicidade. O seu ultimo trabalho para o cinema foi a entrada na carruagem nupcial. O marido, que naturalmente fazia parte da multidão dos seus admiradores, é o unico espectador condenado a ouvir a sua voz...

Premios escolares

Foram distribuidas em França corôas de louro de varias classes aos primeiros classificados nos estudos.

Volta ao antigo método que, á semelhança das classificações, raro premeia outras qualidades que não a perseverança vaidosa para dar ao publico a prova de que se é vencido na concorrencia com inteligencias de tamanho normal, se possue uma corôa, uma distinção ou muitas distinções durante o curso.

E eu lembrei, diante da futil vaidade dos coroados franceses, o nobre exemplo dos premiados que há anos na Politecnica não apareceram a receber os premios que lhes eram destinados porque havia, como há sempre, colegas desconhecidos e ás vezes despresados dos mestres, que um dia chegam e são os homens notaveis da nação, irmanando-se por esse nobre compreensão á altura dos esquecidos.

Bairro de estudantes

Nas ultimas reuniões da Federação Academica falou-se dum bairro de estudantes, o sonho de todos os que alguma vez se encontraram dentro da vida academica de Lisboa.

Quantas vezes professores e alunos têm conversado familiarmente a este respeito e chegado a determinar logares apropriados e as modificações necessarias; Campo de Sant'Ana, desde a «Medica» abrangendo toda a Escola de Guerra... Um plano completamente novo levantado no Parque Eduardo VII...

Mas todos estes sonhos não passarão de sonhos... Contudo esta medida teria optimos resultados, fomentando a solidariedade e a amisade entre os homens do futuro que frequentam as escolas, e que hoje nem se conhecem...

O QUE NOS DIZ O SR. MELO BARRETO

O RESTABELECIMENTO DA AGENCIA FINANCIAL

O sr. dr. Euzebio Leão continuará exercendo o seu cargo em Roma — O tratado comercial com a França — A entrada dos nossos vinhos licorosos na Noruega

Pelo telefone, ás 10 horas da manhã:

— Donde fala?

— Do 2415-N.

— O sr. ministro dos Estrangeiros está?

— Está. Espere um instante.

.....

— Daqui, Melo Barreto. E' do «Diario de Lisboa»?

— E'. V. ex.ª concedia-nos uma entrevista sobre o restabelecimento da Agencia Financial do Rio de Janeiro?

— Mas olhe que não posso dizer mais nada do que vem nos jornais... Se quere vir até a minha casa, com todo o gôsto o receberei.

— As palavras de v. ex.ª eram muito valiosas neste momento.

E o sr. Melo Barreto, que foi jornalista distinto, que é um diplomata com «allure», que é, emfim, um dos raros ministros dos Negocios Estrangeiros que dentro da Republica tem marcado e trabalhado, explica de longe, através do fio:

— Como sabe, a licença do funcionamento da Agencia Financial tinha sido cassada pelo governo brasileiro...

— Sim, sabemos.

— Entabolaram-se negociações...

— Um pouco morosas.

— Não! Não! O ministro das relações exteriores do Brasil notificou diplomaticamente ao nosso governo o seu agrado para que se estabelecessem essas negociações...

Nesta altura, precisamente quando o sr. Melo Barreto acabava de proferir a palavra negociações, na Central dos telefones deu-se qualquer coisa de extranho. Confusão de linhas? Um sufragismo violento «à poigne»? Nada sabemos. O que o jornalista sabe é que ficou cinco minutos atordoado, suspenso, estático, esperando que a Central, amavel como sempre, quando nos corta a palavra, a concedesse outra vez. Esperar um instante, dois, três, o que fosse preciso. Mas a conversa com o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros tinha de continuar. E continuou assim:

— S'tá lá? E' o senhor ministro?

— Sou! Sou!

— Ficámos em negociações. Recorda-se?

— Recordo.

— E, depois?

— Segue-se depois que o governo brasileiro consentiu que a Agencia Financial reabrisse...

— Nas condições anteriores ao incidente?

— Nas mesmas condições.

— Financeiramente, é uma vitória para o governo, não? Vamos ter cambiais... Porque, como o sr. Melo Barreto sabe, o funcionamento da Agencia implica um movimento do ouro que se há de refletir no nosso cambio.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros, rindo-se um pouco, para não responder directamente e ageitando talvez as lunetas:

— O melhor é falar com o sr. presidente do Ministerio...

— Mas v. ex.ª sabe. Que diabo! Um velho jornalista pode dizer mais alguma coisa...

— A parte financeira do caso é com o sr. Barros Queiroz. Procure-o, procure-o, não se arrependerá.

O que dizem vocês a estas palavras, sim, o que dizem? O que significa esta insistencia do sr. Melo Barreto, para nós procurarmos o sr. Barros Queiroz? Pode traduzir-se mais ou menos assim: que a abertura da Agencia Financial é um magnifico triunfo diplomatico para o governo e que, financeiramente, dessa abertura há muito a esperar.

— As relações com o Brasil melhoraram, então?

— Mas elas foram sempre excelentes, magnificas! — O sr. Melo Barreto, insistindo, marcando bem: — entre Portugal e o Brasil existem robustos laços de amizade. Isto é sincero e é real, ouviu? Não se vá dizer...

— De maneira alguma, senhor ministro. V. ex.ª está de pé?

— Porquê?

— Desejávamos ainda preguntar-lhe...

— Mesmo de pé respondo-lhe — informa da extremidade do fio o sr. Melo Barreto com um riso um pouco prolongado.

— O senhor doutor Eusebio Leão fica em Roma?

Do 2415-N, com muita firmeza:

— Fica, sim senhor! Porque não havia de ficar? A não ser que o senhor Eusebio Leão queira abandonar o Quirinal...

— Não, não quere!

— Então, fica; fica, com certeza.

Vamos dar-te uma explicação, leitor: Em jornalismo, como em arte, porque o jornalismo é tambem uma modalidade da arte, o real é tudo. A conversa entre o «Diario de Lisboa» e o sr. Melo Barreto decorreu assim. A frase pequenina, a interrupção da Central, a reticencia habil do 2415-N, a insistencia do jornalista. Depois, o dialogo tinha um objectivo, que era preciso encobrir-lhe de principio: chegar ao sr. dr. Eusebio Leão. E chegámos. A noticia que te damos, leitor, ácerca da permanencia do nosso ministro em Roma, é a melhor, a melhor do dia, certamente. Porque os jornais informaram, porque toda a gente dizia, porque o proprio dr. Eusebio Leão estava convencido... Adiante, o caso já não importa.

— O senhor ministro já almoçou?

— Porquê?

— Porque queriamos preguntar-lhe se o tratado comercial com a França...

— Está sendo negociado.

— E a entrada dos nossos vinhos na Noruega?

— Trabalho, trabalho no assunto.

E, como mais não disse o sr. Melo Barreto... Não! Não! Insistiu ainda para que procurassemos o presidente do Ministerio e lhe falassemos da Agencia Financial. E já daqui se foca a entrevista naturalmente para ámanhã.

Novo medico

Defendeu tese na faculdade de medicina o sr. dr. Filipe Manso, tendo obtido uma classificação brilhante.

O novo e inteligente medico, que durante o seu curso obteve distinções, foi muito felicitado por todos os seus professores.

Os novos torpedeiros

Vão ser beneficiados os torpedeiros austriacos há dias chegados ao Tejo.

ALMIRANTE LEOTE DO REGO

O almirante sr. Leote do Rego, de regresso da Inglaterra, Belgica e França, deve chegar por estes dias a Lisboa.

Exposição pecuaria e agricola nas Caldas da Rainha

O sr. ministro da agricultura vai no proximo domingo ás Caldas da Rainha inaugurar a exposição pecuaria e agricola.

Notas Mundanas

Pontos de reunião

Agenda

A nossa «elite» dará «rendez-vous» amanhã na recita da moda do Eden-Teatro, onde mais uma vez se repetirá a chistosa revista «Pé de dança».

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, no Estoril, a sr.ª D. Olivia Amelia da Costa Pessoa Sousa Oliveira Pinto, esposa do sr. Jaime Carneiro de Oliveira Pinto. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa das Antas, viscondessa de Champlimaud de Duff, D. Maria da Piedade Proença de Almeida Garrett, D. Maria de Lourdes Horta e Costa de Mascarenhas e Menezes, D. Amelia de Aguilar e Lemos Teixeira Cardoso de Castro e Sola, D. Josefa Forbes de Magalhães, D. Maria Adelaide Vanzeler de Castro Pereira, D. Amalia Freire Cortes de Albuquerque, D. Maria Adelaide da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Maria das Dôres Amaral Cabral, D. Teresa Reynolds e D. Maria de Lourdes de Magalhães e Silva.

E os srs.:

Conde de Tomar, D. José de Noronha (Horta), dr. João Centeno, dr. Carlos Ferreira Pires, Antonio de Castro e Lemos (Côvo), Vasco Anjos (Fontalva), Manuel de Melo Vaz de Sampaio e João Lourenço da Fonseca Magalhães Talone da Costa e Silva Posser de Andrade.

Casamentos

Pelo sr. Adolfo Nunes foi pedida em casamento para seu filho o sr. Fernando Nunes, a sr.ª D. Izabel Maria de Oliveira, gentil filha da sr.ª D. Maria de Jesus Carvalho de Oliveira e do sr. Manuel Nunes de Oliveira, já falecido. O casamento realizar-se-há muito brevemente.

Em viagem

Partiu hoje para Viana do Castelo, de onde seguirá para Ponte de Lima, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Albertina Pimenta Castelo Branco de Lacerda e de seu gentil sobrinho Antonio Jacinto Leal Stubbs de Lacerda, filho do nosso antigo colega na imprensa sr. Antonio Stubbs de Lacerda, o sr. dr. Francisco de Queiroz Lacerda.

—Regressou ao Porto o sr. dr. Duarte Lima.

—Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Angelica Mitre Conceição e Silva, regressou de Madrid o sr. Conceição e Silva.

—Vindos do Algarve, partiram hontem á noite para Leça da Palmeira, o sr. Marcos Tameirão (Valado) e para o solar da Castanheira, em Barcelos, o sr. Luiz Semião de Noronha Vasconcelos Porto.

—Partiu para Cascais, onde vai ser hospede de seu filho sr. Fortunato Seruya, a sr.ª D. Ester Abecassis Seruya.

—Na proxima sexta-feira partem para o Buçaco, acompanhados da sr.ª D. Julia Abecassis Seruya, o sr. Cecil Mackee e sua esposa sr.ª D. Eponina Mackee.

—A' sua casa em Evora, regressou, com sua esposa sr.ª D. Maria Luiza Braamcamp de Matos Fernandes e sua gentil filha D. Maria Rita, o sr. Miguel Fernandes.

O CONFLITO DE PORTALEGRE

Não ha falta de pão, houve apenas aumento de preço

Ha trigos em quantidade suficiente para garantir o abastecimento da cidade

A Secretaria do Interior forneceu á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«A excitação popular que nos ultimos dias tem havido em Portalegre, contrariamente ao que a imprensa tem dito, não é devida á falta de pão, mas sim ao facto da população não querer aceitar a mudança de preço, que era de 32 centavos e passou para 70 centavos. Só um dia faltou pão em Portalegre e isso devido aos padeiros se terem recusado a panificar, com receio de manifestações populares pela mudança de preço. Trigo há em quantidade suficiente para garantir o abastecimento da cidade. Isto se deve ao governador civil e á comissão para êsse fim indicada pelos operarios locais, sendo êste abastecimento garantido por um acôrdo feito com os moageiros do distrito e a um preço não superior a 60 centavos. Deve dizer-se que, para êste resultado em nada contribuiu a camara municipal de Portalegre, que, apesar de ter em seu poder 300 contos, que há tempos lhe foram emprestados, sem juro, por um dos governos transactos, para a compra de generos e em especial de trigo, nunca comprou a minima quantidade dêste cereal, nem tentou obstar á falta de pão, tendo mantido sempre a maior indiferença».

PROVINCIAS

Na Certã

Festejos a frei Nuno de Santa Maria

Certã, 9

Nos dias 14 e 15 do corrente realizam-se em N. S. dos Remedios, suburbios desta vila, grandiosos fesfejos a frei Nuno de Snnta Maria, ilustre filho deste conceiho, e a N. S. dos Remedios, com o programa seguinte:

Dia 14—Ao romper da aurora, salva de morteiros; ás 8 horas, benção da imagem de Frei Nuno; ás 10 horas, abertura do bazar; ás 11 e meia, missa solene a grande instrumental, devendo ao evangelho, subir ao pulpito um distinto orador sagrado; ás 13 horas, cortejo das fogaças, acompanhado por uma filarmonica até ao local onde devem ser depositadas, havendo para isso um pavilhão apropriado; ás 19 horas, procissão, precedida de sermão, em que irá a imagem de Frei Nuno, incorporando-se duas filarmonicas; ás 20 horas, leilão de fogaças; ás 22 horas, fogo de artifício do conhecido pirotecnico da Certã, João Nunes e Silva, iluminações, concerto por duas bandas musicais, descantes e danças populares.

Dia 15—Ao romper de alva, alvorada e salva de morteiros; ás 10 horas, reabertura do bazar; ás 11 horas, missa cantada e sermão por um distinto orador sagrado; ás 16 horas, sermão e procissão em que irá a imagem de N. S. dos Remedios; ás 18 horas, leilão de prendas.

Uma récita no teatro Tasso

Realizou-se no teatro Tasso, na noite de 7 do corrente, com uma enorme enchente, pelo distinto grupo de amadores dramaticos certaginense, uma récita com a engraçadissima comedia «O comissario de policia», cujo desempenho foi correctissimo, sendo todos os amadores muito aplaudidos. Em seguida á récita houve baile no elegante salão do Gremio Certaginense, que decorreu animadissimo até ás 7 horas.

Falta de postais

Há bastante tempo que nesta vila se não encontram bilhetes postais á venda, o que muito prejudica o publico.

Em Coimbra

Os jardins publicos ao abandono

Coimbra, 8

Esta cidade foi já considerada aquela que melhor tratava os seus jardins, que eram, sem duvida, belos e deslumbravam o visitante. Esta afirmação chegou até a ser feita na imprensa, onde agora se tem de dizer, mau grado nosso, precisamente o contrario. Os jardins belos, que tanto embelezavam as nossas avenidas, foram votados ao mais completo desprezo. Tudo morreu. Belos exemplares de todas as especies de floricultura morreram á sêde e sob os pés do vandalo, que das placas ajardinadas fizeram caminho publico. A camara e a autoridade, a quem está confiado o policiamento da cidade, são as unicas responsaveis pela perda dos nossos jardins, que a mesma camara condenou á sêde, de xando-os perder. E' desolador o estado a que deixaram chegar os belos jardins de Coimbra, que eram tão admirados, que nos deliciavam até com o perfume das suas flores. Mas tudo isto está dentro das normas da camara, que cortou as palmeiras da praça 8 de Maio, destruiu as arvores da Avenida Sá da Bandeira e pretende demolir o Arco de Almedina.

Desastre

Na estação de Coimbra-B foi colhido por uma locomotiva o sr. Bernardo Mendes, residente na Bemcanta, chefe de distrito de caminho de ferro. Recebeu um ferimento no rosto, que teve de ser soturado com 33 pontos.

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

Na Figueira da Foz

Concurso hipico

Figueira da Foz, 8

Nos vastos e esplendidos campos do Pinhal realiza-se nos dias 6, 8, 11 e 12 de setembro o grande concurso hipico internacional, cujo programa é o seguinte:

Dia 6—«Lusitania» (Omnium), civil-militar, com premios no valor de 550 escudos.

Dia 8—«Alter» (Nacional), com o 1.º premio de 200 escudos e diploma de menção honrosa ao produtor; e «Amazonas», com premios de objectos de arte.

Dia 11—«Grande premio da Figueira da Foz», civil-militar, com premios no valor de 1:900 escudos, sendo o primeiro de um conto de réis; e «Discipulos», com objectos de arte.

Dia 12—«Percurso de caça», com o primeiro premio de 150 escudos, e «Taça Xavier de Almeida», civil-militar.

E' presidente do juri o sr. Manuel Figueira Freire da Camara

Açucar

Devem chegar brevemente a esta cidade dois vagons de açucar amarelo, requisitados pelo sr. administrador do concelho, para ser vendido a $85 o quilo, pois que aqui o comercio vende este artigo por alto preço.

Rusgas

Nas ultimas noites as rusgas feitas pelas autoridades administrativas resultaram apanhar algumas navalhas e outras armas aos vadios.

"10 de Agosto"

Esta excelente filarmonica loeal festeja na proxima quarta feira o seu aniversario com concerto no jardim municipal e fogos de artifício.

O MELHOR VINHO DE MESA, ESTOMACAL, DIGESTIVO, APERITIVO
que revigora e conserva a saude é o vinho
COLARES
VIUVA GOMES
É se vende em todas as boas casas
Deposito geral:
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL
R. NOVA DA TRINDADE, 50
TELEFONE C. 1644

SAPATARIA SECULO XX
R. Nova do Almada, 63
Grande sortimento a preços modicos

PORTUGAL PREVIDENTE
COMPANHIA DE SEGUROS
FUNDADA EM 1907
Capital UM MILHÃO DE ESCUDOS
BANQUEIROS:
BORGES & IRMÃO
Efectua seguros contra incendio e riscos de mar, roubo, postais, cristais, greves e tumultos, comoções politicas e populares, guerra civil, ACIDENTES NO TRABALHO e SOBRE A VIDA HUMANA.
Sede: Rua do Alecrim, 10---LISBOA
Delegação no Porto:
Rua Sá da Bandeira, 5, 1.º

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico -- CALVEZES-MARCO
Escritorios: Nas termas. Em Lisboa -- R. de S. Nicolau, 88, 2.º

LABORATORIOS DE FARMACIA
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA
Dores
Dores de cabeça
Dores nevralgicas
Dores rheumaticas
etc., etc.
Curam-se em curtos momentos com
QUINOPYRINA
Sem perturbação para o coração, nem fadiga para o estomago ou rins
Farmacias LISBOA—R. Nova do Almada, 88 PORTO—R. dos Clerigos, 36

N.º 43 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 10-8-921

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUN

O professor aproxima-se de Johannes e, com voz rude, diz-lhe:

— Vitória morreu.

Com um gesto de cego, Johannes estende as mãos e pregunta:

— Morta? Quando morreu? Ah! sim, Vitória morreu?

— Morreu, responde-lhe o professor, morreu esta manhã, há pouco.

Meteu a mão na algibeira e tirou uma carta volumosa.

— E esta carta que aqui tenho, confiou-ma ela para lha entregar. Aqui está. Depois da minha morte, disse ela. Está morta. Entrego-lhe a carta. A minha missão terminou.

E, sem cumprimentar, sem acrescentar mais nada, o professor voltou-se, desceu a rua lentamente e desapareceu.

Johannes fica no passeio, com a carta na mão. Vitória está morta. Pronuncia êste nome em voz alta, repete-o com uma voz impossivel, quase endurecida. Lançando os olhos para o sobrescrito, reconhece a letra; estão ali as maiusculas e as minusculas, as linhas bem traçadas e aquela que as escreveu está morta!

Entra o portão, sobe a escada, encontra a chave, mete-a na fechadura e abre. O seu quarto está frio e escuro. Senta-se ao pé da janela e aos ultimos lampejos do dia, lê a carta de Vitória:

«Querido Johannes,

Quando ler estas linhas, estarei morta. Tudo é tão estranho para mim agora! Já não tenho vergonha diante de si e escrevo-lhe como se não existisse para isso nenhum obstaculo.

Outrora, quando eu estava bem viva, antes quereria sofrer noite e dia do que escrever-lhe ainda; mas agora, comecei a morrer e já não penso assim. Pessoas indiferentes já me viram golfar sangue, o doutor examinou-me; do pulmão só me resta uma parcela. O que é que me pode fazer córar agora?

Aqui, deitada no meu leito, reflecti nas ultimas palavras que lhe disse. Foi naquela noite, na floresta. Nesse momento, não pensava que seriam as minhas ultimas palavras, senão tinha-lhe dito adeus, ao mesmo tempo, e tinha-lhe agradecido! De hoje em diante, não o tornarei a ver. Por isso, lastimo não ter podido lançar-me a seus pés, beijar-lhos e beijar a terra que pisava; não ter podido mostrar-lhe quanto lhe quiz, indizivelmente. Ontem ainda e hoje, dêste leito em que estou deitada, quereria ter a fôrça de voltar á floresta, de procurar o sitio em que estivemos sentados, quando Johannes tinha as minhas mãos nas suas; ali podia estender-me no chão, tentando encontrar o seu rasto e poderia beijar todo o mato em redor. Mas não posso ir, nesta ocasião, a não ser que a minha saude melhore um bocadinho, como a mamã julga.

Querido Johannes! Como é curioso, quando penso nada mais ter conseguido senão vir á terra para amá-lo tanto, e agora despedir-me da vida.

Ora veja, é bem extraordinario estar deitada aqui, á espera do dia e da hora. Passo a passo, afasto-me da vida e dos que circulam na rua e do ruido das carruagens: tambem nunca mais verei a primavera, provavelmente, e as casas e as ruas e as arvores do parque cá ficam depois de mim. Fizeram sentar-me na cama, hoje, e olhar um pouco, pela janela. Além, ao canto, havia um rapaz e uma rapariga que se encontraram; cumprimentaram-se apertando as mãos e trocaram palavras, rindo. E então, tornou-se espantoso para mim scismar que, deitada aqui, a olhar para êles, ia morrer. E dizia comigo: êsses dois entes, além, ignoram que estou aqui, á espera da minha hora; mas se o soubessem, conversariam do mesmo modo, como neste momento... Esta noite, ás escuras, julguei que era a minha ultima hora; o meu coração cessou de bater e parecia-me ouvir a eternidade, que se aproximava de mim, de longe, como um gemido. Um instante depois voltei a mim, dêsse vagado, e a minha respiração restabeleceu-se. Foi uma sensação verdadeiramente indescriptivel. Talvez não fosse mais, como julga a mamã, de que a lembrança, que me veiu, do rio e da torrente de lá, da nossa terra.

Grande Deus, se soubesse como lhe quiz, Johannes!

(Continua)

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

DEPOIS DO ARMISTICIO

QUANDO SE FARÁ A PAZ NO MUNDO?

O QUE SE PASSARÁ NA REUNIÃO DE WASHINGTON

O representante de Inglaterra vai á America seguido de quatro "superdreadnoughts"

Desde que foi assinado o armisticio, as nações têm levado o tempo clamando paz por todas as formas, alegando todas as responsabilidades da guerra passada, e prometendo todos os esforços para evitar uma guerra futura.

Formaram a Sociedade das Nações, não querem romper as alianças, vêm surgir em tudo possibilidade de formar algumas novas, e por ultimo convocaram uma conferencia na America para coroar todas as conferencias pacificas da Europa, em que têm vencido as potencias que venceram a guerra, e quando uma divergencia se levanta entre elas, aquela que mais alto faz soar a promessa dum exercito bem armado.

Entre aliados estas promessas têm-se mantido encobertas sob o receio duma quebra de amizade; não obstante, os discursos de Lloyd George e os comentarios da imprensa francesa não são muito proprios de quem se estima profundamente.

Surgiu uma questão com a Espanha ácerca de Marrocos, aquele bocado de Africa que os olhos dos vencedores vêm cubiçosos, e que aquela potencia detem hereditariamente ha muitos seculos. Logo um jornal francês, excitadissimo, prometeu que em caso de necessidade os exercitos da França falariam.

A paz com os vencidos, essa é daquelas que satisfazem plenamente os mais desejosos de paz.

E' claro que na Alta Silesia, por exemplo, todos os povos têm sido unanimes em procurar uma solução rapida e justa, dando ao plebiscito o valor que lhe seria atribuido em todas as circunstancias.

E actualmente, para a grande conferencia de Washington, os povos preparam-se coerentemente com as acções e com os altos desejos de paz que os animam, fazendo construir nos estaleiros grandes navios de guerra e propondo ao Senado creditos enormes para construção de couraçados.

E deante da proposta do representante do almirantado inglês, veremos o delegado britanico ir á conferencia da Paz de Washington, seguido por quatro formidaveis «superdreadnoughts», como argumento supremo de uma paz perduravel e forte.

E aos que dizem ser esse um argumento pouco em harmonia com o fim, responde o parlamentar inglês que a America o Japão constroem navios nos estaleiros que porão a Inglaterra num campo secundario se não votar o credito de 845.600 libras esterlinas para 4 couraçados, a melhor arma de guerra maritima.

«Quer o tempo esteja calmo ou tempestuoso, fiquemos firmemente de pé. Então, e só então, poderemos desempenhar o papel de pacificadores na conferencia de Washington».

Sabemos pois bem claramente que a paz mundial continuará sendo uma admiravel teoria... para os habitantes de outros planetas.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

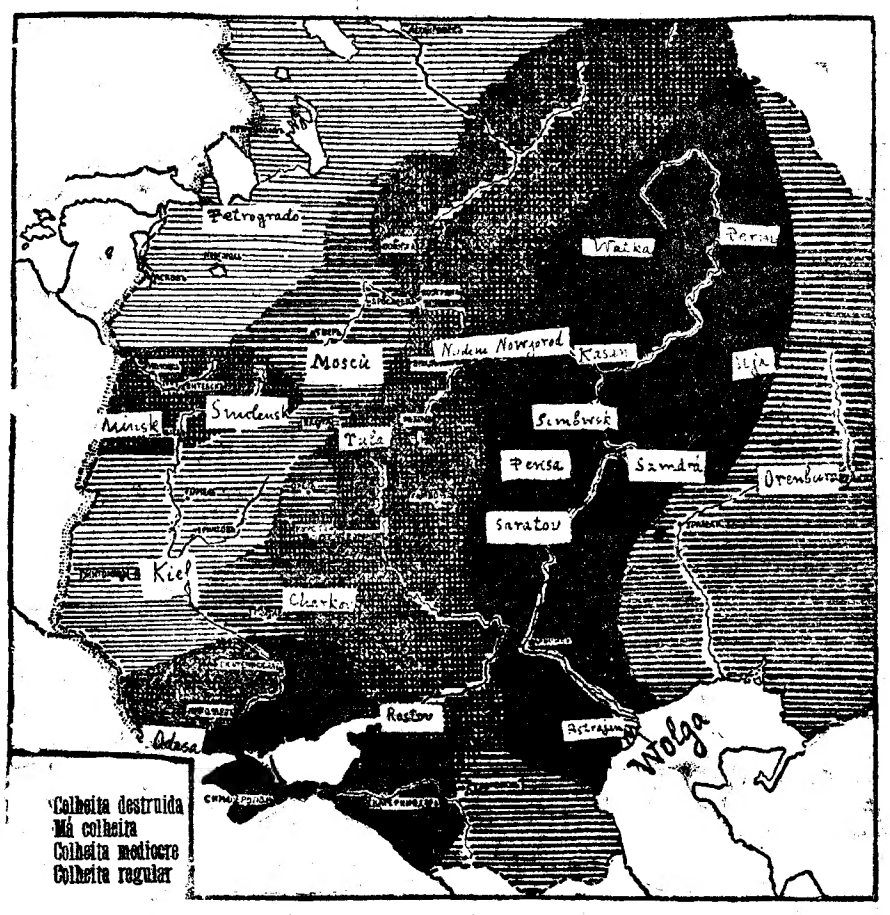
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

A POLITICA DOS "SOVIETS" NO ORIENTE

OS NACIONALISTAS CHAMAM A LENINE O "DEFENSOR DA CIVILISAÇÃO"

A propaganda "sovietista" encontra éco no Oriente— O governo de Moscou deseja viver em boas relações com a Turquia

Não tem sido unicamente de hostilidade e destruição a politica do governo dos «soviets». Comparando a politica seguida no Oriente e no Ocidente tem-se a impressão de que o descalabro e desorganização, e a guerra em que tem vivido com a Europa provêm principalmente da oposição defensiva que esta lhe tem movido pelas armas e isolando-o economicamente, o que o levou á ruina.



Mapa do territorio russo, feito sob dados oficiais do comissariado da agricultura da Russia. As colheitas deste ano levaram a Russia a atravessar uma das suas maiores crises. Nenhuma região se salva do desastre. A de Odessa, que é das mais ferteis, e a de Nowgorod estão completamente destruidas. Só na Ukrania foram um pouco regulares. Quasi metade do territorio russo tem as colheitas destruidas. As grandes manchas negras dão uma ideia da fome que ameaça a vida de vinte e cinco milhões de russos.

Com os turcos firmaram o tratado que tão graves censuras motivou á Inglaterra, que esta buscou nele razões mais fortes para prestar auxilio á Grecia contra os desejos da França.

Natarroff, enviado dos «soviets», foi recebido em Angora com as maiores manifestações de apreço, e declarou á Turquia que o seu governo desejava viver com ela nas melhores relações, tendo acabado a politica invasora dos czares.

Os nacionalistas de Angora, da Persia, do Afghanistan, de Boukhara e do Thibet, não só lhe não fazem guerra, mas puzeram as esperanças de um bom futuro no governo de Moscou.

Chamam a Lenine o *defensor da civilização*, epiteto diametralmente oposto ao que lhe dão as nações da Europa, e compreende-se que assim aconteça quando soubermos que o governo dos «soviets» concedeu aos mussulmanos da Russia todas as regalias, reconheceu-lhes as instituições nacionais e religiosas e constituiu-os em republicas sovieticas autonomas. Firmaram alianças com varias daquelas nações; na Persia conquistaram o principe Rusrat e Dowleh.

Procuram minar o prestigio da Gran Bretanha; no Teheran o exito foi completo; o shah e a côrte são partidarios acerrimos de Lenine.

No Afghanistan tambem a sua propaganda encontrou eco; o representante de Moscow, Sturitz, acaba de concluir um tratado entre as duas nações.

Em todas as transacções do Oriente tomam parte activa os delegados dos «soviets»; e onde fazem sentir a sua acção criaram estações electricas, fabricas de armas, construiram estradas e desenvolveram largamente a exploração mineira.

No Afghanistan toda a população trabalha nas minas e na agricultura.

Ha pois uma oposição manifesta na acção dos «soviets» na Asia e na Europa. Parece que o seu objectivo é coligir o Oriente contra o Ocidente.

Em seis meses suicidaram-se seis mil e quinhentos individuos

Em igual periodo de tempo do ano passado puzeram termo á existencia 7:711 pessoas

NEW-YORK, 10.—Nos primeiros seis meses de 1921 houve seis mil e quinhentos suicidios nos Estados Unidos, tendo havido sete mil setecentos e onze no mesmo periodo do ano passado. Daquele numero contam-se quinhentas crianças que se suicidaram.—(U. P.)

O QUE DIZEM OS NUMEROS

A PRODUÇÃO MUNDIAL DE CARVÃO

A EUROPA PERDEU EM 1921 O SEU PRIMEIRO LOGAR

Ao passo que diminue na Europa, aumenta na America do Norte, na Asia e em Africa

PARIS, 10 — A produção europeia de carvão, que se elevou a 730.000.000 toneladas no ano de 1913, apenas foi de 597.000.000 no ultimo ano. A Europa perde portanto o primeiro logar que ocupava anteriormente na produção hulheira, que foi ocupada pela America.

Eis as cifras de 1920 comparadas com as de 1913:

Países	1920	1913
America do Norte..	601.300.000	531.600.000
Europa.....	597.300.000	730.000.000
Asia.....	75.800.000	55.800.000
Oceania.....	11.900.000	15.000.000
Africa.....	11.800.000	8.300.000
America do Sul.. .	1.700.000	1.600.000

Desde 1913 a 1920 a produção hulheira diminuiu em 18.10 por cento na Europa, aumentou 13.10 por cento na America do Norte, perto de 36 por cento na Asia e 42.20 por cento em Africa.

DE LONDRES

A proxima reunião da conferencia do "Dail Eirean"

LONDRES, 10 — Confirma-se que se reunirá no dia 16 do corrente a conferencia dos membros do «Dail Eirean», tendo sido libertados todos os membros que estavam encarcerados para poderem assistir a essa reunião. — (U. P.)

Um incendio num deposito de madeiras

LONDRES, 10 — Os prejuizos causados por um incendio num deposito de madeiras nesta cidade são avaliados em duzentas e cincoenta mil libras estertinas. — (U. P.)

Morte repentina dum deputado liberal

LONDRES, 10 — Faleceu repentinamente na sala de leitura da Camara dos Comuns, o deputado liberal Thomas Wintringhan. — (U. P.)

SOMBRINHAS DE FANTASIA LEQUES **76** BENGALAS DE MALAGA VENTOINHAS

RUA NOVA DO ALMADA

GARANTIA

Companhia de Seguros

Fundada em 1853 — Sede no PORTO

(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921

Esc. 7.973.798$76,3

Capital — MIL CONTOS

(Inteiramente realizado)

EFECTUA SEGUROS:

Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e de minas
— Seguros de vida —

AGENTES:

José Henriques Totta, Ld.ª

Banqueiros

Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

O DIA PARLAMENTAR

Nos Deputados, á hora regimental, encontravam-se quatro parlamentares

Ao ser aberta a sessão o deputado sr. Agatão Lança trata duma violencia cometida pelo governador civil do Porto

A não ser que apareça novo embrechado, como aquele que ontem protelou o debate das propostas referentes ao Douro, a sessão de hoje não deve oferecer grande interesse politico, desde que interêsse politico se julgue em geral como por aqui se compreende em especial. Na ordem dos trabalhos não figura mais nenhum assunto e não é nada provavel que a maioria o ventile, visto que isso colocaria em má posição o sr. ministro da Agricultura. Obvio será dizer que, se das minorias fôr requerido algum remendo na tabela, êle não será votado.

O governo furtar-se-ha a dar mais explicações?

Para depois de votadas as propostas a discutir hoje, já estão na forja varios negocios urgentes e mais algumas interpelações, mas é muito possivel que nenhuma destas, pelo menos, se realize antes da proxima semana. Diz-se, todavia, que o governo não se furtará a dar todas as explicações que lhe forem pedidas de qualquer maneira e seja de que lado da Camara fôr.

A' hora regimental estão na sala 4 deputados

Como hoje não há aperitivo, custa mais a aparecer a assistencia. A' hora regimental estão na sala apenas quatro legisladores, entre os quais o sr. Antonio Luiz Gomes, que é dos que sempre chegam mais cedo.

Para antes da "ordem" estão inscritos 14 legisladores

Para o periodo do «antes da ordem», que hoje não ha, em vista da sessão estar prorrogada, estão inscritos nada menos de 14 oradores que desejam tratar de varios assuntos.

Abre a sessão ás 15 horas e 10 minutos

A's 15 horas e 10 minutos é reaberta a sessão pelo sr. Jorge Nunes. Em vez de se reatar a discussão, na especialidade, da proposta de concessões ás caixas de credito agricola, como está na ordem, com o voto da Camara, é dada a palavra ao sr. Agatão Lança que, em negocio urgente, chama a atenção da Camara para o que considera uma violencia cometida pelo sr. governador civil do Porto, á ordem do sr. ministro da Marinha.

* * *

O sr. Agatão Lança continua a falar ás 16 horas e ataca com grande veemencia, com estranha energia, a acção do deputado liberal Medeiros de Novais, que — diz o orador — foi o carcereiro e perseguidor de republicanos durante o Dezembrismo e Traulitania. A sua ardencia provoca apoiados vibrantes da esquerda. O sr. Agatão Lança está fardado, e o sr. Novais, que é um homem já de cabelo branco, no seu lugar, ouve serenamente.

* * *

As condições acusticas da sala prejudicam, não há duvida, os oradores, mais do que os que escutam. Gritando sempre, cheio de sinceridade e vibração, falando constantemente em Republica e em Democracia, o sr. Agatão Lança nem sempre se percebe. Ouve-se agora distintamente que o oficial de marinha afirma que há dentro da Camara, sem serem os monarquicos, deputados que não merecem a confiança da Republica e só prejudicam os partidos que os aceitam.

* * *

O sr. Agatão Lança continua a protestar (são 16 e 10- contra as perseguições de que se diz vitima e da ilegalidade nas eleições. Ouve-se um áparte:

—Isso é verdade!

Pronuncia-o o sr. dr. Eduardo de Sousa, que não é deputado e está na tribuna fronteira á do corpo diplomatico.

* * *

O sr. Lança está irritando demasiado a maioria. De facto, até deputados democraticos se mostram contrariados. «E' um apaixonado» — ouve-se. O sr. Zacarias Gomes de Lima, velho republicano, protesta alto contra os excessos nas afirmações do orador, que parece negar que o partido liberal seja um partido republicano. Na sala zumbe-se, fala-se, discute-se.

* * *

O sr. Antonio Granjo passeia pela sala. Chega á bancada ministerial e estende a mão e um sorriso aos srs. Barros Queiroz e Abel Hipolito. Entretanto, o sr. Agatão Lança, que continua a falar, diz que o sr. ministro da Marinha não tem competencia para exercer êste cargo e a sala está tão desasossegada, que o sr. Jorge Nunes brada: «peço a atenção da Camara», sem quase a Camara o ouvir.

* * *

O sr. Carvalho da Silva protesta contra a maneira como decorrem os trabalhos da Camara.

— Perdão — diz o sr. Jorge Nunes — a Camara resolveu...

— Mas, perdão... — diz o deputado monarquico — a Camara não pode deliberar contra uma deliberação que antes já tinha tomado...

— Ora! Ora! Ora essa! Então não pode?... — bradam os democraticos.

— O que eu protesto, sr. presidente, é contra o facto de não se discutir a questão do Douro... (apoiados).

— Tem a palavra o senhor ministro da Marinha...

* * *

O sr. ministro da Marinha diz que «com competencia ou não», é ministro da Marinha e não tem nada que se meter em questões eleitorais, como parece ter desejado o sr. Agatão Lança. E concretiza, a outro respeito:

— Eu não consinto que o sr. Agatão Lança diga ou suponha que é mais republicano e tem mais serviços de dedicação á Republica do que eu... (apoiados). E segue justificando, ou pretendendo justificar, o castigo que aplicou ao oficial da marinha e deputado, a quem — diz — mandou chamar ao seu gabinete, tratando-o com toda a correcção e lhaneza, mas não conseguindo uma plataforma que concertasse aquela questão. As autoridades da marinha declararam que, ante a queixa, tinha de ser castigado o oficial de marinha visado pelo governador civil do Porto.

— Peço a palavra! — brada o sr. Agatão Lança.

— E estamos nisto, comento um deputado.

Uma violenta discussão entre os srs. Agatão Lança e Paes Gomes

Fala das galerias o antigo deputado Eduardo de Sousa — Grande confusão de vozes e de protestos — A's 17 horas serenam os animos

* * *

Durante o discurso do sr. ministro da Marinha o sr. Agatão Lança fez algumas interrupções. O sr. Pais Gomes foi ouvido com atenção e alguns apoiados.

* * *

Pediram a palavra para explicações os srs. Medeiros Novais, Fernandes Costa, Vasconcelos e Sá, Belchior de Figueiredo e outros.

—Peço a palavra para um requerimento—diz o sr. Plinio da Silva.

—E' o Douro? Então o Douro?

—Isto vai bem—dizem.

Afinal é regeitada a generalização do debate.

—E o Douro? Então o Douro?

No seu lugar, o sr. Tomé de Barros Queiroz, sorri misteriosamente. O sr. Fragoso mete-se na conversa e diz que não se compreende que seja dada a palavra ao sr. Fernandes Costa.

—Tem a palavra o sr. Agatão Lança.

—Eu solicito para falar depois dos deputados que me vão responder.

—Ora essa—diz o sr. Moura Pinto—e depois os outros pedem para falar depois do sr. Agatão.

—Isto não pode ser, pede o sr. Antonio Granjo, etc...

—Eu quero saber qual é a orientação da Presidencia, brada zangado o sr. João Luiz Ricardo.

—Peço a palavra para explicações — acrescenta um da direita.

Falam e opinam todos a um tempo, o sr. Alvaro de Castro, Granjo, Agatão, etc.

—Se toda a Camara fala menos eu— brada o presidente Jorge Nunes—eu ponho o chepéu e vou-me embora. (Apoiados vibrantes).

Recomeça a falar o sr. Agatão Lança que tem a faculdade de irritar de novo a Camara.

—Peço a atenção da Camara.

Etc., etc., etc. Uma trapalhada. A Camara vê-se que está ainda com todo o impeto das primeiras semanas, mas o curioso é que são os velhos deputados que se fazem notar.

* * *

16 e três quartos. Tudo socegou. Está a falar o sr. Lança, com a mesma vibração e sinceridade. «Qual é a categoria que tem o sr. governador civil para, com uma queixa dessa autoridade, eu acabar por ser processado?»

Nisto o sr. Pais Gomes dá uma explicação que é coberta de apoiados.

—Ah! sim! Pois vou dizer tudo!—diz o sr. Agatão Lança.

—Diga! Diga!—exclama a direita.

—Tem graça isto, diz um liberal...

São 16 e 50.

—E o Douro? — pregunta um monarquico.

* * *

A maneira como fala o sr. Agatão Lança provoca ápartes, muitos apoiados, dos ministros da Marinha e da Justiça, em termos de os protestos do sr. Lança, cheios de sinceridade, irem perdendo o interesse.

* * *

Nota ultima: o sr. ministro da Marinha é sempre apoiado pela direita. O sr. Agatão Lança é pouco apoiado pela esquerda.

* * *

Falou o sr. Belchior de Figueiredo, que pronunciou um sensacional discurso. Entrou na revolução de 5 de Dezembro — diz — mas três dias depois abandonava a politica de Sidonio Pais. Ele é acusado de ter preso Afonso Costa. Declara que não é verdade.

Fez a revelação sensacional que no quartel de infantaria 6 (Porto) havia um «complot» para matar Afonso Costa. Foi ele, Blechior de Figueiredo, que evitou a sua morte.

A sessão continua.

AS OPERAÇÕES EM MARROCOS

Continuam partindo de Espanha varios contingentes para reforçar as forças que se encontram em Melilla

Uma importante declaração de Romanones:—"O problema de Marrocos para se resolver ou se abandona ou se enviam para ali cem mil homens, dispendendo a Espanha dois mil milhões de pesetas"

MADRID, 10 — O regimento de artilharia 15 de Pontevedra recebeu ordem para marchar para Marrocos. De Burgos e de Toledo tambem marcham tropas para Marrocos e em todos os pontos de Espanha se estão preparando contingentes para marcharem imediatamente para Melilla. O ministro da guerra recebeu informações de que em Nador se fazem importantes concentrações de mouros preparando-se para uma nova ofensiva.

O conde de Romanones declarou que o problema de Marrocos se resolve ou abandonando-o, ou enviando para ali cem mil homens e dispendendo a Espanha dois mil milhões. Maura é da mesma opinião. Lerroux mostra-se reservado dizendo que daria a sua opinião se fosse consultado. O rei teve conferencias com os chefes politicos, dizendo-se que se formará um governo de concentração presidido por Maura com Lacierva na fazenda, o general Luque na guerra, o conde Romanones no estrangeiro, Cambo no fomento e Osorio Gallardo no interior. A opinião publica tem mostrado nestes momentos dificeis um grande patriotismo. — (R.)

As tropas do general Navarro alimentam-se com carne de muares

O general Berenguer mostra-se reservado

MADRID, 10.—Dizem de Melilla, que o Raisuli saiu de Tazarut estando agora na zona internacional de Tanger.

Chegaram dois mouros enviados directamente pelo general Navarro que foram recebidos por Berenguer que se mostra reservado. Parece que as tropas do general Navarro têm falta de agua, alimentando-se com a carne das muares. Dois aviadores, que voaram sobre Mont Arruit, observaram que numa trincheira faziam fogo varios oficiais do exercito, vendo-se nela poucos soldados.—(R.)

NO SENADO

Foi rejeitada por unanimidade a discussão do projecto que libertava o assassino de Sidonio Pais

Preside o sr. Augusto Barreto, secretariado pelos srs. Mendes dos Reis e Pessanha das Neves. Acta aprovadá por 32 legisladores. Do governo o sr. ministro da justiça.

Entre o expediente figura o projecto de lei que tende a dar liberdade ao assassino do presidente dr. Sidonio Pais, sendo a sua discussão rejeitada por unanimidade.

Aberta a inscrição para antes da ordem do dia pedem a palavra varios oradores.

O primeiro a usar da palavra é o sr. André de Freitas que envia para a mesa um requerimento solicitando que seja convertido em lei um projecto que cria os logares de sub-delegado de saude, guarda-mór e farmaceutico, da ilha do Corvo a expensas do Estado. Este diploma já foi aprovado na camara dos deputados na preterita sessão legislativa.

A sessão continúa, estando designado para ordem do dia eleições de comissões

Um drama no mar

Perto do Cabo Carvoeiro volta-se uma traineira, desaparecendo três homens

CABO CARVOEIRO, 10.—Hoje, pelas 8 horas, devido ao forte vento N. W. desta semaforica, virou-se a traineira de que é mestre Joaquim Nicolau, de Peniche, sendo pedidos socorros a Peniche. Foi ao local o vapor «Portugal 6.º», que conseguiu salvar a tripulação, com excepção de 3 homens que desapareceram.